

Administrar é vencer

*inda
Externa*

Mais uma vez fracassaram os pregadores da sinistrose. Não foi pedida moratória do Brasil pelo Banco Internacional de Compensações, e se um credor suíço não a exige, por que teríamos, nós devedores terceiro-mundistas, de requerê-la?

Repita-se, mais uma vez: ninguém de bom-senso, pelo menos no exterior, tem o menor interesse de levar o Brasil à falência. Não só abalaríamos, com nossa dívida de quase noventa bilhões de dólares, o sistema financeiro internacional. As matrizes do capital mundial perderiam uma das últimas fronteiras do capitalismo, onde ainda se pode ficar rico.

Esta é a premissa que não deve, contudo, levar-nos a excessivo otimismo. Precisamos deixar de pendular entre ele o derrotismo, velha deformação nacional, quando o que necessitamos é de objetividade e serenidade. Qualidades fazendo falta especialmente no Terceiro Mundo, em tudo que se refere ao desenvolvimento.

Na realidade, o Brasil investiu maciçamente na implantação de uma infra-estrutura modernizante para o século seguinte. Já estão prontas as bases, embora sacrificada mais de uma geração. Porém, ao passar, mais cedo ou mais tarde, a tual crise internacional, o Brasil retomará um impulso que o colocará no lugar compatível ao nosso grande esforço das últimas décadas. Oxalá não retornemos, então, ao pólo oposto do ufanismo... Em lugar de acabarmos de uma vez com esta pendulação.

O crescimento brasileiro, no ano corrente, não será zero ou negativo, apesar de tender a pouco além de 1%. O que significará um triunfo, em meio a circunstâncias tão adversas.

E ninguém, hoje em dia, vive sem **deficit**. A prova começa pelos próprios Estados Unidos, onde a segurança nacional termina absorvendo o que se poupa na previdência social. Outro tanto se repete por todas as partes, com as exceções honrosas de sempre, como na Suíça ou Japão, que vivem condições singularíssimas.

Quanto ao Terceiro Mundo, o tumulto se apresenta ainda pior que no Brasil. Ai se encontra, ao nosso lado, o caos financeiro da Argentina,

tanto mais surpreendente quanto maior é a sua notória auto-suficiência de trigo, carne e petróleo. Para não falarmos nos demais vizinhos, ainda em pior situação.

Tudo isto é do conhecimento do Fundo Monetário Internacional, embora não precise dizê-lo. Mas esta tentativa de Banco Central Mundial ainda não se acoplou devidamente com um Banco Internacional de Desenvolvimento, duas faces da mesma moeda. Do contrário, todo o Terceiro Mundo rumará para uma falência tão violenta que arrastará os orgulhosos Primeiro e Segundo. O empréstimo-jumbo vai, portanto, sair. O que não diminui, antes aumenta nossa responsabilidade. Devemos passar a conter-nos. Ficou para trás o tempo dos investimentos maciços, chegou a hora de arrumar a casa, o que já começamos a fazer.

Claro que a arrumação é traumática, pois o país vive desorganizado desde a fase colonial. Felizmente já temos mentalidade para administrar uma sociedade industrial, e novas gerações se encarregarão de dinamizar este setor. Para elas estamos pagando preço tão alto. Vamos lhes transmitir mais soluções que novos problemas. O principal consiste, agora, em aprender a autodisciplina, aquela por dentro, a única que realmente funciona.

Se não vivêssemos sob peso psicológico negativista tão grande, a inflação poderia ainda existir, mas seria muito menor. Cumpre ter credibilidade e, para isto, seriedade. Nada de esconder nem subestimar os perigos e sacrifícios. Muito pelo contrário, aprendamos a ouvi-los para resolvê-los. Só assim enfrentaremos os credores de cabeça erguida. Não vamos dar prejuízo a ninguém. Daqui os outros só terminam obtendo lucros.

Os prazos de vencimentos da dívida servem apenas, o que não representa pouco, enquanto advertências cada vez mais graves. As responsabilidades prosseguem aumentando. Nada, por outro lado, de subestimá-las.

Por estranho que pareça, é a dívida que está nos fazendo mais objetivos quanto ao futuro. Administrá-la quer dizer vencê-la.